

VIA TEOLÓGICA

Volume 50 – Número 25 – dez./2024
ISSN 2526-4303

TEORIAS ESCATOLOGICAS: EXPLICAÇÕES PARCIAIS DE UM FUTURO DESCONHECIDO

ESCHATOLOGICAL THEORIES: PARTIAL
EXPLANATIONS OF AN UNKNOWN FUTURE

Dr. Josemar Valdir Modes



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

TEORIAS ESCATOLÓGICAS: EXPLICAÇÕES PARCIAIS DE UM FUTURO DESCONHECIDO

ESCHATOLOGICAL THEORIES: PARTIAL EXPLANATIONS OF AN UNKNOWN FUTURE

Dr. Josemar Valdir Modes¹

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na PIB Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

RESUMO

O presente artigo analisou as principais correntes escatológicas cristãs — amilenismo, pós-milenismo, pré-milenismo clássico, pré-milenismo dispensacionalista e escatologia realizada — com foco nos seus pontos fracos. O amilenismo é criticado por sua interpretação simbólica das profecias, o que pode minimizar a esperança de uma intervenção futura concreta de Cristo. O pós-milenismo enfrenta objeções por seu otimismo excessivo, que subestima a contínua presença do mal no mundo. O pré-milenismo clássico é questionado por uma leitura literal do milênio e uma divisão rígida da história da redenção. Já o pré-milenismo dispensacionalista é acusado de fragmentar o plano divino em múltiplos eventos, dificultando a compreensão global da escatologia. Por fim, a escatologia realizada é criticada por reduzir a expectativa da volta futura de Cristo, sugerindo que muitas profecias já foram cumpridas. Assim, a análise dessas visões oferece uma reflexão abrangente sobre as diferentes formas de interpretar os eventos finais da história humana sob a perspectiva cristã.

PALAVRAS-CHAVE

Escatologia. Milênio. Correntes escatológicas. Apocalipse.

ABSTRACT

This article analyzed the main Christian eschatological currents—amillennialism, postmillennialism, classical premillennialism, dispensational premillennialism, and realized eschatology - focusing on their weaknesses. Amillennialism is criticized for its symbolic interpretation of prophecies, which can minimize the hope of a concrete future intervention by Christ. Postmillennialism faces objections for its excessive optimism, which underestimates the continued presence of evil in the world. Classical premillennialism is questioned for its literal reading of the millennium and a rigid division of the history of redemption. Dispensational premillennialism, on the other hand, is accused of fragmenting the divine plan into multiple events, making it difficult to understand eschatology as a whole. Finally, realized eschatology is criticized for reducing the expectation of the future return of Christ, suggesting that many prophecies have already been fulfilled. Thus, the analysis of these views offers a comprehensive reflection on the different ways of interpreting the final events of human history from a Christian perspective.

KEYWORDS

Eschatology. Millennium. Eschatological currents. Apocalypse.

INTRODUÇÃO

O estudo da escatologia sempre gerou debates intensos no cristianismo, especialmente pela complexidade das profecias e pela dificuldade de se estabelecer uma interpretação unânime. As diferentes correntes escatológicas, como o amilenismo e o pré-milenismo, refletem perspectivas variadas sobre como os cristãos devem entender o futuro. Essas interpretações divergem especialmente quanto ao conceito de milênio mencionado em Apocalipse 20.

O amilenismo, por exemplo, entende que o milênio é simbólico, representando o período entre a ascensão de Cristo e sua volta final. Nessa visão, o reino de Deus já está presente espiritualmente, e o retorno de Cristo marcará o fim da história e o início do novo céu e nova terra. No entanto, críticos apontam que essa abordagem pode enfraquecer a expectativa de uma intervenção divina concreta no futuro.

Por outro lado, o pós-milenismo interpreta o milênio como uma era de progresso espiritual antes da volta de Cristo, defendendo uma transformação positiva das estruturas sociais através da expansão do Evangelho. No entanto, essa visão é frequentemente considerada excessivamente otimista, subestimando a contínua presença do pecado e do mal no mundo.

O pré-milenismo clássico sugere que Cristo retornará para estabelecer um reino literal de mil anos antes do estado eterno. Sua ênfase na leitura literal do milênio e na necessidade de um reinado físico de Cristo gera críticas por dividir a história da redenção de forma rígida e fragmentada.

Uma variação mais recente, o pré-milenismo dispensacionalista, introduz uma sequência elaborada de eventos escatológicos, como o arrebatamento e a tribulação. Essa complexidade é frequentemente questionada por não ter um apoio claro nas Escrituras e por promover uma mentalidade escapista entre os fiéis.

Por fim, a escatologia realizada argumenta que muitos eventos proféticos já se cumpriram, especialmente com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. No entanto, essa visão é criticada por diminuir a expectativa de um retorno futuro de Cristo e do julgamento final, esvaziando o papel da esperança escatológica.

Diante dessas divergências, este artigo busca analisar criticamente as fraquezas de cada uma dessas correntes, contribuindo para uma compreensão mais profunda do debate escatológico.

I. AMILENISMO

O termo “amilenismo” é utilizado para designar a crença na inexistência de um milênio literal, diferentemente das visões pré-milenista e pós-milenista, que esperam um reinado físico de Cristo na Terra por mil anos. O prefixo “a-” indica negação, mas não significa que os amilenistas rejeitem totalmente o conceito de milênio. Em vez disso, eles interpretam o milênio de Apocalipse 20 como uma metáfora do período atual, entre a ascensão de Cristo e sua volta futura para julgar os vivos e os mortos.

Nessa perspectiva, o milênio representa a era espiritual da igreja, durante a qual Cristo reina no coração dos crentes por meio do Espírito Santo. Assim, o reino de Deus já está presente na história, mas será consumado definitivamente na segunda vinda de Cristo. Não há, portanto, uma distinção escatológica entre um governo milenar de Cristo na Terra e o estado eterno que se seguirá ao juízo final.

No centro da discussão sobre o amilenismo está a passagem de Apocalipse 20.1-6. Os amilenistas entendem esse texto simbolicamente. O “milênio” é visto como a presente era da igreja, inaugurada pela ressurreição e

ascensão de Cristo e que continuará até o seu retorno final. Durante esse tempo, Satanás é considerado “amarrado”, no sentido de que sua influência está limitada e ele não pode impedir a propagação do Evangelho no mundo. A vitória sobre as forças do mal, portanto, já foi assegurada por Cristo em sua obra redentora.

Algumas referências bíblicas fundamentais para o embasamento dessa teoria:

Vi descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos. Lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações, até que se completassem os mil anos (Ap 20.1-3).

A passagem é interpretada de forma simbólica pelos amilenistas. A prisão de Satanás não significa sua total inatividade, mas indica que ele foi restringido quanto ao seu poder de enganar as nações, permitindo que o Evangelho seja pregado com eficácia (HOEKEMA, 1979, p. 121).

Outro texto é o de Lucas 17.20-21: “O Reino de Deus não vem com visível aparência; nem dirão: ‘Ei-lo aqui!’ ou: ‘Ei-lo ali!’, porque o Reino de Deus está dentro de vocês.” Este versículo é crucial para os amilenistas, pois reflete a ideia de que o reino de Cristo já está presente espiritualmente na vida dos crentes durante a era da igreja. Assim, o milênio não é um evento futuro e visível, mas uma realidade espiritual em curso (BEALE, 1999).

O texto de Colossenses 1.13-14, que diz: “Ele nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados”, é usado pelo amilenistas para argumentar que os crentes já fazem parte do Reino de Cristo, que não é um governo político-terreno, mas uma dimensão espiritual (VOS, 1994).

É importante citar ainda o texto de 1 Coríntios 15.24-26, que diz:

Depois virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, toda autoridade e todo poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte.

Nesta passagem, o “reinado” de Cristo é visto como um processo em andamento, culminando em sua vitória final na segunda vinda. O amilenismo entende que Cristo já está reinando, mas sua vitória completa será revelada apenas no fim dos tempos (STORMS, 2013).

Na perspectiva amilenista, Cristo retornará apenas uma vez, não em duas fases (como no pré-milenismo dispensacionalista). Sua vinda será acompanhada da ressurreição dos mortos, do julgamento final e do estabelecimento dos novos céus e nova terra. O texto de Apocalipse 21.1-4 descreve essa consumação: “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existia. [...] Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima, e a morte já não existirá; não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram”.

Essa visão escatológica é central para o amilenismo, pois demonstra que o objetivo final da história não é um reinado terreno, mas a renovação de toda a criação (POYTHRESS, 1987). O amilenismo oferece uma interpretação simbólica do milênio de Apocalipse 20, entendendo-o como a era presente, em que Cristo reina espiritualmente através da igreja. Nessa perspectiva, a volta de Cristo marca o fim da história e a inauguração definitiva do novo céu e da nova terra. O amilenismo encontra suporte em várias passagens bíblicas, especialmente aquelas que enfatizam o caráter espiritual do Reino de Deus e a vitória progressiva de Cristo sobre as forças do mal. Essa visão rejeita um milênio literal e físico, focando-se na esperança do retorno de Cristo para trazer a consumação final.

2. PÓS-MILENISMO

O pós-milenismo se destaca entre as correntes escatológicas por seu otimismo em relação ao progresso espiritual e social do mundo. Ele entende que o milênio não é um período futuro inaugurado pela vinda de Cristo, mas um tempo anterior ao Seu retorno, durante o qual o Evangelho será amplamente disseminado e transformará as estruturas sociais e culturais do mundo. Essa interpretação pode ser tanto literal, como um período de mil anos exatos, quanto simbólica, representando uma era prolongada de prosperidade espiritual (BOETTNER, 1957, p. 14).

A ideia central do pós-milenismo é que a igreja e a obra missionária desempenham um papel fundamental na preparação para o retorno de Cristo. Nesse contexto, o milênio é uma era de transformação progressiva, na qual os princípios cristãos influenciam profundamente a sociedade, promovendo justiça, paz e crescimento espiritual. A visão otimista do pós-milenismo contrasta com outras correntes escatológicas, como o pré-milenismo, que vê o mundo em decadência até a intervenção direta de Cristo (HORTON, 2011, p. 979).

Essa perspectiva está em consonância com passagens bíblicas que sugerem o triunfo do evangelho, como Isaías 2.2-4, que profetiza que todas as nações fluirão para a casa do Senhor, e Mateus 28.18-20, que destaca a Grande Comissão como um mandato para discipular todas as nações (CLOUSE, 1977, p. 25-26). Assim, o milênio pós-milenista é visto como uma consequência do avanço contínuo do reino de Deus no presente.

Ao término do milênio, ocorrerá a segunda vinda de Cristo. Diferentemente das visões pré-milenistas e dispensacionalistas, o pós-milenismo não prevê um arrebatamento prévio ou uma grande tribulação antes do retorno de Jesus. O Senhor voltará para julgar os vivos e os mortos, estabelecendo, assim, o juízo final. A partir desse ponto, os salvos entrarão no estado eterno nos novos céus e nova terra (HOEKEMA, 1979, p. 170-171).

A visão pós-milenista sustenta que, ao contrário de um futuro pessimista, o plano de Deus é restaurar e renovar todas as coisas progressivamente, com a plenitude sendo alcançada na parusia (segunda vinda). Dessa forma, o pós-milenismo oferece uma perspectiva esperançosa para o futuro da humanidade e da criação (POYTHRESS, 1987, p. 128). Com seu entendimento de um milênio de paz e justiça precedendo o retorno de Cristo, oferece uma alternativa otimista às demais correntes escatológicas. Seu foco na influência transformadora do Evangelho na sociedade encoraja uma visão ativa do papel da igreja no mundo. Embora não seja a visão escatológica mais popular atualmente, o pós-milenismo ainda encontra espaço no pensamento cristão contemporâneo, especialmente entre aqueles que creem na relevância da missão cristã para o desenvolvimento humano e espiritual.

3. O PRÉ-MILENISMO CLÁSSICO

O Pré-Milenismo Clássico é uma corrente escatológica que sustenta que a volta de Jesus Cristo ocorrerá antes do estabelecimento de um reino literal de mil anos na Terra, conforme mencionado em Apocalipse 20.1-6. Ao longo da história da igreja, esta visão tem se destacado por sua interpretação literal das profecias bíblicas, especialmente no que se refere ao retorno visível de Cristo, à ressurreição dos justos, e ao juízo final que sucederá o período milenar.

No Pré-Milenismo Clássico, a segunda vinda de Cristo é apresentada como um evento visível e glorioso, no qual Ele derrotará as forças do mal e inaugurará um período de paz e justiça de mil anos. Durante este

período, Cristo reinará na Terra juntamente com os santos, cumprindo as promessas feitas aos patriarcas e ao povo de Israel. Esta visão difere de outras correntes escatológicas, como o Amilenismo e o Pós-Milenismo, pois insiste na necessidade de um reino terrestre antes da consumação final de todas as coisas.

O período milenar é descrito como uma fase intermediária entre a presente era e o estado eterno. Durante esses mil anos, Satanás será aprisionado, impedido de enganar as nações, e a Terra será restaurada sob o governo justo de Cristo (LAHAYE; ICE, 2001, p. 96-99). A ênfase no governo de Cristo neste período é vista como uma antecipação do estado eterno, quando haverá um novo céu e uma nova terra.

Após o término do milênio, Satanás será solto por um breve período, liderando uma última rebelião contra Deus. Esta revolta, no entanto, será rapidamente derrotada, e Satanás será lançado no lago de fogo, juntamente com os ímpios e a morte. Em seguida, ocorrerá o juízo final, no qual todos os seres humanos serão julgados com base em seus atos (GRUDEM, 2006, p. 1249-1251).

Com a conclusão do julgamento, dá-se início à consumação do novo céu e da nova terra. Esta nova criação, livre do pecado e da corrupção, será o cenário do estado eterno, onde os redimidos habitarão para sempre na presença de Deus (LADD, 1993, p. 620-622). Essa perspectiva ressalta a soberania divina e a culminação da história redentora.

O Pré-Milenismo Clássico exerce grande influência no pensamento teológico cristão, especialmente em movimentos que buscam um entendimento literal das Escrituras. Sua ênfase na segunda vinda de Cristo e no governo milenar serve como uma esperança escatológica para os fiéis, oferecendo uma perspectiva de restauração completa da criação. Além disso, essa corrente escatológica tem sido relevante em debates contemporâneos sobre a relação entre Israel e a Igreja, uma vez que considera o reino milenar como o cumprimento de promessas feitas a Israel no Antigo Testamento (WALVOORD, 1974, p. 92-98).

Apesar de ser amplamente aceito em certos círculos, o Pré-Milenismo Clássico também enfrenta críticas. Algumas objeções vêm de correntes como o Amilenismo, que consideram o milênio uma metáfora para a era atual da igreja, e o Pós-Milenismo, que vê o reino de Deus crescendo progressivamente no presente. Essas divergências mostram a complexidade do debate escatológico e a dificuldade de interpretar as profecias bíblicas de forma unânime (ERICKSON, 1998, p. 1162-1165).

O Pré-Milenismo Clássico oferece uma compreensão escatológica sólida e coerente com uma leitura literal das Escrituras. Sua proposta de um milênio literal sob o governo de Cristo proporciona uma esperança concreta aos cristãos, à medida que aponta para um futuro de paz e justiça na Terra. No entanto, as divergências entre as diferentes correntes escatológicas mostram que o estudo do fim dos tempos continua a ser um dos temas mais complexos e fascinantes da teologia cristã.

4. PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA

O dispensacionalismo surgiu no contexto do evangelicalismo protestante, particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, no século XIX. A abordagem foi formulada por John Nelson Darby (1800-1882), líder dos Irmãos de Plymouth. Darby introduziu a ideia de que a Igreja e Israel são dois grupos distintos com papéis específicos no plano divino e enfatizou o arrebatamento pré-tribulacionista como um evento iminente. A popularização dessa corrente ocorreu principalmente com a publicação da Bíblia de Referência Scofield, em 1909, que trouxe notas explicativas com uma leitura dispensacionalista das Escrituras (SCOFIELD, 1909, p. 2).

O pré-milenismo dispensacionalista distingue-se pela crença em um arrebatamento secreto da Igreja, que pode ocorrer antes do início de um período de sete anos de tribulação, nomeio desse período ou então

no final dele, resultando em três subdivisões internas do conceito. Essa tribulação é vista como um tempo de julgamento divino e sofrimento sobre a Terra, descrito em passagens como Mateus 24 e Apocalipse 6-19. Durante esse período, Deus voltará a tratar diretamente com Israel, cumprindo as promessas feitas a esse povo no Antigo Testamento (WALVOORD, 1979, p. 25-27).

Após a tribulação, Cristo retornará de forma visível com seus santos, derrotando as forças malignas e inaugurando seu reinado de mil anos na Terra. Esse evento é visto como o cumprimento literal da profecia de Apocalipse 20.1-6, em que Satanás é aprisionado e a justiça divina reina por um período milenar (RYRIE, 1965, p. 113).

Para os dispensacionalistas, o milênio é um reino literal e terrestre, onde Cristo governará com justiça. Durante esse período, haverá paz e prosperidade mundial, e Israel terá uma posição central entre as nações. O milênio é entendido como a concretização das promessas feitas a Abraão e a Davi, que incluem a posse da terra e um governo eterno sobre Israel. Ao fim dos mil anos, Satanás será solto por um curto período, liderando uma rebelião final que será derrotada por Cristo (PENTECOST, 1958, p. 488-490).

Após a derrota de Satanás, ocorre o juízo final, em que todos os seres humanos, vivos e mortos, comparecerão diante do trono de Deus para prestar contas. Aqueles cujos nomes não estiverem no Livro da Vida serão lançados no lago de fogo (Ap 20.11-15). Em seguida, Deus criará novos céus e nova terra, e o estado eterno será estabelecido, onde não haverá mais dor, morte ou sofrimento (Ap 21-22) (MACARTHUR, 1999, p. 85).

O pré-milenismo dispensacionalista teve grande impacto no evangelicalismo contemporâneo, influenciando movimentos eclesiais, a literatura cristã e até a política, especialmente nos Estados Unidos. Obras como a série de ficção “Left Behind” (Deixados para Trás) popularizaram a visão do arrebatamento e da tribulação para um público mais amplo. Por outro lado, críticos apontam que essa abordagem fragmenta excessivamente o plano redentivo e faz uma leitura literalista de textos que podem ser simbólicos. Além disso, a separação entre a Igreja e Israel é questionada por outras tradições cristãs, como o amilenismo e o pós-milenismo (GRENZ, 1992, p. 70-73).

O pré-milenismo dispensacionalista oferece uma estrutura detalhada para entender os eventos finais da história humana sob uma perspectiva cristã. Sua ênfase na literalidade das profecias bíblicas e na distinção entre a Igreja e Israel influencia muitos setores do cristianismo contemporâneo. No entanto, essa corrente não é isenta de controvérsias, especialmente em relação à sua interpretação profética e ao impacto prático que pode ter na espiritualidade e na ação social dos crentes.

4.1 O PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA PRÉ-TRIBULACIONISTA

O pré-tribulacionismo ensina que o arrebatamento da Igreja ocorrerá antes do início da tribulação. Essa perspectiva é amplamente popularizada em movimentos dispensacionalistas e é baseada na crença de que Deus livrará a Igreja de passar pelo sofrimento descrito no Apocalipse, tomando por base passagens como 1 Tessalonicenses 4.16-17 e Apocalipse 3.10.

A tribulação é considerada um período voltado principalmente para o juízo de Israel e das nações, não para a Igreja. Assim, os crentes arrebatados encontrarão Cristo nos ares e retornarão com Ele no fim dos sete anos para o estabelecimento do milênio. Essa visão também enfatiza a iminência do retorno de Cristo, ou seja, a ideia de que o arrebatamento pode ocorrer a qualquer momento, sem sinais precursores específicos (RYRIE, 1995, p. 141).

4.2 O PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA MIDI-TRIBULACIONISTA

A perspectiva midi-tribulacionista, por outro lado, sustenta que o arrebatamento ocorrerá no meio da tribulação, ou seja, após os primeiros três anos e meio. Esse ponto de vista se apoia na divisão do período de sete anos em duas metades distintas, sendo a segunda metade conhecida como “a grande tribulação” (Ap 7.14; Mt 24.21).

Os adeptos desta visão acreditam que a Igreja enfrentará parte dos julgamentos iniciais, mas será poupada dos sofrimentos mais intensos da segunda fase. A vinda de Cristo para arrebatá-la é posicionada após o cumprimento dos primeiros sinais escatológicos, como a revelação do Anticristo e o início do sacrifício no templo (WALVOORD, 1979, p. 80).

4.3 O PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA PÓS-TRIBULACIONISTA

A terceira vertente é o pós-tribulacionismo, que defende que o arrebatamento da Igreja ocorrerá após os sete anos da tribulação. De acordo com essa perspectiva, a Igreja passará por todo o período de tribulação e será preservada em meio aos sofrimentos, tal como Israel foi preservado durante as pragas no Egito (Êx 7-12).

Os pós-tribulacionistas entendem que a vinda de Cristo para arrebatá-la coincide com Sua manifestação visível em poder e glória no final da tribulação (Mt 24.29-31). Assim, o arrebatamento e a segunda vinda de Cristo não são dois eventos distintos, mas sim um único evento (GUNDRY, 1973, p. 114).

5. ESCATOLOGIA REALIZADA

A escatologia realizada propõe que muitos eventos profetizados nas Escrituras já ocorreram, desafiando uma leitura futurista rígida. Esta visão busca compreender o “fim dos tempos” como uma consumação iniciada, que se manifesta progressivamente na história humana desde a ressurreição de Cristo. O presente estudo visa analisar a base teológica e histórica da escatologia realizada, com destaque para seu foco na destruição de Jerusalém como evento escatológico central.

A escatologia realizada se apoia em textos que sugerem que o reino de Deus foi inaugurado na primeira vinda de Cristo. Versículos como Marcos 1.15 – “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo” – demonstram que Jesus proclamava a chegada de uma nova era. A ressurreição de Cristo é interpretada como a primeira fase da consumação escatológica, o que indica que o fim já começou, mas ainda não foi plenamente realizado (WRIGHT, 2008, p. 109).

Os adeptos dessa corrente argumentam que a destruição do Templo e de Jerusalém em 70 d.C. foi o cumprimento de muitas das profecias apocalípticas encontradas no Novo Testamento, especialmente em Mateus 24 e nos paralelos nos evangelhos sinóticos (FRANCE, 2007, p. 920). Segundo essa perspectiva, Jesus não falava exclusivamente de eventos futuros e finais, mas também se referia ao julgamento sobre Israel e o fim da antiga aliança, simbolizado pelo colapso do Templo (ALLISON, 1998, p. 80).

A guerra judaico-romana (66-70 d.C.) marcou uma transição espiritual significativa: o sistema sacrificial e o culto do Templo foram substituídos pela nova aliança em Cristo (NOLLAND, 2005, p. 968). Assim, o foco da escatologia mudou da espera de um reino político para uma realidade espiritual presente, que já estava se desenrolando na vida da Igreja.

Uma das contribuições mais significativas da escatologia realizada é o conceito de que o fim é simultaneamente “já” e “ainda não”. O “já” refere-se à obra redentora de Cristo e ao estabelecimento do Seu

reino espiritual. Por outro lado, o “ainda não” indica que há aspectos do plano escatológico que ainda aguardam cumprimento futuro, como a ressurreição final e o juízo universal (LADD, 1993, p. 91).

Essa tensão é refletida em textos como I Coríntios 15.24-28, onde Paulo descreve a ordem dos eventos escatológicos, sugerindo que, embora Cristo já reine, a consumação total virá com a derrota do último inimigo, a morte (FEE, 1987, p. 769). Portanto, a escatologia realizada não nega uma expectativa futura, mas afirma que o processo escatológico começou com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus.

A escatologia realizada enfrenta críticas por parecer minimizar a esperança de um evento futuro definitivo e visível, como a segunda vinda de Cristo (MCGRATH, 2011, p. 426). Alguns teólogos argumentam que, ao enfatizar o cumprimento passado, essa abordagem corre o risco de esvaziar a expectativa escatológica, que é um elemento central da fé cristã. Além disso, há debates sobre se todas as profecias, particularmente as relacionadas à segunda vinda de Cristo, podem ser interpretadas em termos já realizados (MOO, 1996, p. 910).

A escatologia realizada oferece uma leitura interessante e teologicamente rica das profecias apocalípticas, destacando que o “fim dos tempos” já começou com a obra de Cristo. Ela apresenta um desafio para a visão futurista, propondo que a consumação está em andamento na história humana e na vida da Igreja. Embora essa perspectiva traga contribuições valiosas, especialmente no que diz respeito ao impacto da ressurreição e à destruição de Jerusalém, a tensão entre o “já” e o “ainda não” continua a exigir reflexão e equilíbrio teológico.

6. CRÍTICAS ÀS TEORIAS ESCATOLÓGICAS

A escatologia cristã apresenta diferentes abordagens sobre o fim dos tempos, cada uma com virtudes e limitações. É importante nesse momento destacar os pontos fracos do amilenismo, pós-milenismo, pré-milenismo clássico, pré-milenismo dispensacionalista e escatologia realizada, destacando que todas têm as suas incoerências internas.

6.1 FRAQUEZAS DO AMILENISMO

O amilenismo interpreta Apocalipse 20 de forma simbólica, entendendo o milênio como uma era espiritual representada pela igreja. Um dos problemas é que a interpretação alegórica pode subestimar o significado literal de passagens bíblicas e ser vista como uma “negação da profecia”. Essa perspectiva também é criticada por não oferecer uma visão concreta de transformação futura, enfraquecendo a expectativa de um reino físico de Cristo na Terra (SABER E FÉ, 2023, p. 14).

6.2 FRAQUEZAS DO PÓS-MILENISMO

O pós-milenismo prevê um período de paz e prosperidade antes da volta de Cristo. No entanto, essa visão é acusada de ser excessivamente otimista ao subestimar o impacto contínuo do pecado e do mal na história. Hoekema destaca que essa expectativa de uma transformação completa do mundo não reflete o testemunho bíblico que sugere contínua oposição ao Evangelho até o fim dos tempos (HOEKEMA, 1989, p. 173-198). Além disso, pode criar uma ilusão utópica que desvia da ênfase cristã no sofrimento e na redenção (GRUDEM, 2020, p. 456-462).

6.3 FRAQUEZAS DO PRÉ-MILENISMO CLÁSSICO

O pré-milenismo clássico afirma que Cristo estabelecerá um reinado de mil anos após sua segunda vinda. Críticos, como Beale, apontam que a leitura literal do milênio pode descon siderar o estilo apocalíptico e simbólico de muitas passagens (BEALE, 1999, p. 972). Também é problemático dividir a história da salvação em fases rígidas, o que pode enfraquecer a relevância da missão da igreja na era presente (HOEKEMA, 1989, p. 173-198).

6.4 FRAQUEZAS DO PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA

O pré-milenismo dispensacionalista introduz uma sequência elaborada de eventos, incluindo o arrebatamento, seguido de tribulação e milênio. Essa complexidade é criticada por não encontrar suporte explícito nas Escrituras. Grudem sugere que a ideia de arrebatamento secreto é uma inovação teológica recente, questionada por muitos estudiosos tradicionais. Além disso, a ênfase em um futuro distópico pode promover uma mentalidade escapista entre os crentes (GRUDEM, 2020, p. 456-462).

6.5 FRAQUEZAS DA ESCATOLOGIA REALIZADA

A escatologia realizada sugere que muitas das profecias já se cumpriram, especialmente com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. No entanto, Wright adverte que essa abordagem pode minimizar a expectativa cristã pela volta de Cristo e a consumação final do Reino de Deus. Isso gera críticas de que essa visão ignora o pleno cumprimento das promessas escatológicas, como a ressurreição e o julgamento final (WRIGHT, 2012, p. 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das diferentes correntes escatológicas revela que, embora cada uma delas traga contribuições valiosas para a teologia cristã, nenhuma é isenta de falhas. O amilenismo, por exemplo, destaca o caráter espiritual do reino de Deus, mas sua rejeição de um milênio literal pode diminuir a esperança na consumação física das promessas divinas.

O pós-milenismo, ao enfatizar o progresso humano e espiritual, oferece uma visão positiva sobre o futuro, mas é acusado de ser excessivamente otimista e de não considerar plenamente a presença contínua do mal no mundo. Essa abordagem pode frustrar expectativas quando confrontada com a realidade de injustiças e tribulações persistentes.

Já o pré-milenismo clássico, com sua ênfase na segunda vinda de Cristo antes do milênio, oferece uma interpretação clara das promessas de Apocalipse. No entanto, a divisão da história em diferentes fases escatológicas pode limitar a relevância da igreja na era presente, sugerindo uma intervenção divina apenas no futuro distante.

O pré-milenismo dispensacionalista, por sua vez, é conhecido por sua estrutura detalhada e complexa, mas essa mesma complexidade pode torná-lo difícil de entender e aplicar. A separação entre Israel e a Igreja proposta por essa visão é frequentemente contestada, além de fomentar um distanciamento da responsabilidade social e espiritual no presente.

Por fim, a escatologia realizada oferece uma perspectiva interessante sobre o cumprimento progressivo das profecias bíblicas, mas é criticada por minimizar a expectativa de um retorno futuro e

definitivo de Cristo. Ao enfatizar o “já”, essa visão pode desvalorizar o “ainda não”, elemento essencial para a esperança escatológica cristã.

Essas divergências mostram que o campo da escatologia continua a ser uma área de intenso debate teológico, exigindo um equilíbrio entre a esperança no futuro e a relevância da fé no presente. Nenhuma corrente oferece respostas completas, mas todas contribuem para enriquecer o entendimento cristão sobre o plano redentor de Deus.

Em última análise, o estudo crítico dessas correntes permite que os cristãos mantenham uma esperança equilibrada, evitando tanto o pessimismo quanto o triunfalismo exagerado. A escatologia, portanto, não é apenas uma especulação sobre o futuro, mas uma ferramenta para orientar a vida de fé no presente, moldando o compromisso com o Reino de Deus e a missão cristã na Terra.

REFERÊNCIAS

- ALLISON, Dale C. *Jesus of Nazareth: Millenarian Prophet*. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- BOETTNER, Loraine. *The Millennium*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed Publishing, 1957.
- CLOUSE, Robert G. *The Meaning of the Millennium: Four Views*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1977.
- ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Academic, 1998.
- FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.
- FRANCE, R. T. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.
- GRENZ, Stanley J. *The Millennial Maze*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1992.
- GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine*. Zondervan, 2020.
- GUNDRY, Robert H. *The Church and the Tribulation*. Grand Rapids: Zondervan, 1973.
- HOEKEMA, Anthony A. *The Bible and the Future*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.
- HORTON, Michael. *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way*. Grand Rapids: Zondervan, 2011.
- LADD, George Eldon. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- LAHAYE, Tim; ICE, Thomas. *Charting the End Times: A Visual Guide to Understanding Bible Prophecy*. Eugene: Harvest House Publishers, 2001.
- MACARTHUR, John. *The Second Coming*. Wheaton: Crossway Books, 1999.
- MCGRATH, Alister E. *Christian Theology: An Introduction*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- MOO, Douglas J. *The Letter to the Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- NOLLAND, John. *The Gospel of Matthew: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.
- PENTECOST, Dwight. *Things to Come*. Grand Rapids: Zondervan, 1958.
- POYTHRESS, Vern S. *Understanding Dispensationalists*. Grand Rapids: Zondervan, 1987.
- RYRIE, Charles C. *Dispensationalism Today*. Chicago: Moody Press, 1965.
- RYRIE, Charles. *Dispensationalism*. Chicago: Moody Publishers, 1995.
- SABER E FÉ. *Comparação entre correntes escatológicas*, 2023. Disponível em: <<https://www.saberefe.com>>. Acesso em: 29 out. 2024.
- SCOFIELD, C. I. *The Scofield Reference Bible*. New York: Oxford University Press, 1909.
- STORMS, Sam. *Kingdom Come: The Amillennial Alternative*. Scotland: Mentor, 2013.
- VOS, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Phillipsburg: P&R Publishing, 1994.
- WALVOORD, John F. *The Millennial Kingdom*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.
- WALVOORD, John F. *The Rapture Question*. Grand Rapids: Zondervan, 1979.

WRIGHT, N. T. **Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church.** HarperOne, 2012.

WRIGHT, N. T. **Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church.** New York: HarperOne, 2008.

ANEXO 1 – IMAGEM COMPARATIVA DAS LINHAS ESCATOLÓGICAS

